

DESTAQUES  
DO PORTAL  
A TARDE

Freepik / Divulgação

Conheça sete direitos que todo pai deveria conhecer  
www.atarde.com.br/brasil

Confira a cobertura do esporte brasileiro no Pan  
www.atarde.com.br/esportes

www.atarde.com.br  
71 3340-8991  
(Cidadão Reporte)  
71 99601-0020  
(WhatsApp)

EDITORIAL **A alegria da morte**

O índice de consumo de álcool no Brasil é mais alarmante que o de drogas ilícitas, conforme revela o 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas da População Brasileira, divulgado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Cerca de 46 milhões, ou 30%, buscam alegrar-se com álcool. São 2,3 milhões de pessoas dependentes. Outros 4,4 milhões admitiram ter discutido com alguém sob efeito de álcool nos 12 meses anteriores à entrevista para a pesquisa.

Para uma vaga ideia dos danos, 14% de homens confessaram embriagar-se ao volante. O álcool, uma droga lícita e socialmente aceita, é encarado de forma

diferente de outros psicoativos. Mesmo quem não bebe tem uma história triste para contar.

Em todo o mundo, estima-se que uma em cada três pessoas consuma bebida

**O desenvolvimento ético da sociedade caminha, sem tropeçar, para opor-se ao mau hábito de beber em excesso**

alcoólica, responsável pela morte de uma em cada 10 pessoas entre 15 e 49 anos. Bebe-se muito além dos limites de segurança. Proliferam os efeitos danosos desse consumo, desde questões relacionadas à saúde até as relações sociais e ampliação de riscos causadores de acidentes de trânsito, atitudes agressivas, feminicídios, entre outros. O incentivo ao aditivo resulta em relacionamentos sexuais não planejados e/ou indesejáveis.

É preciso chamar a atenção para a necessidade de intensificar campanhas sobre os inegáveis riscos da bebida. Os mais vulneráveis são os adolescentes, atraídos pela suposta "ajuda" na socialização, de-

vido a uma fantástica redução da timidez. Os programas de prevenção estão mais voltados para substâncias ilícitas. O exemplo negativo pode estar em casa. Não é incomum um jogador de futebol das categorias de base ser elogiado pelo pai por sua "firmeza" ao aderir à bebedeira precoce com os colegas de sono, cuja ferramenta de trabalho será o corpo.

Por ter o consumo legalizado, o álcool é considerado mais "seguro", o que minimizaria seu potencial negativo. Mas, assim como ocorre com o cigarro, o desenvolvimento ético da sociedade caminha, sem tropeçar, para opor-se ao mau hábito de beber em excesso.

## TÚLIO CARAPÁ



## A memória, a escrita e a história ameaçadas

Paulo Ormino de Azevedo

Arquiteto, professor titular da Ufba  
pauloormindo@gmail.com

A memória humana é curta. No neolítico, para se conservar a memória de um chefe, se construía um dólmen ou uma estela. Logo o homem se deu conta de que era necessário gravar sua memória. Surge assim na Mesopotâmia, em 3.200 a.C., a primeira escrita de caracteres cuneiformes feita no barro, depois cozido. Para dar portabilidade à escrita, os egípcios escreviam em hastas batidas do papiro e os gregos e romanos, no couro, ou pergaminho.

A escrita, além de preservar a memória, passou a ser um meio de comunicação vencendo grandes distâncias geográficas, através do correio, e do tempo, através da história. Sem escrita não poderia haver história, de tal modo que as civilizações são classificadas como pré-históricas e históricas. A notação musical já era conhecida dos egípcios. A atual feita no pentagrama surge no século VII com o canto gregoriano. O registro da imagem data de 1826 com a fotografia, do som de 1878 com o disco, e do movimento em 1895 com o cinema. Todos eles têm uma base material: pergaminho, papel, vinil e celuloide.

Entre 1945 e 1953 arqueólogos encontraram em potes em 11 cavernas na Cisjordânia rolos de textos bíblicos em hebraico, aramaico e grego, datados entre o século II a.C. e o ano 70 d.C. O fato de estarem em três idiomas e tão bem guardados demonstra a intenção de preservar uma memória e transmiti-la a gerações futuras. O ar seco da região os conservou. O papel em condições normais dura pelo menos 500 anos, e temos fotos de 190 anos perfeitas.

A gravação magnética foi inventada em 1920, mas só se comercializou a partir de 1946. O suporte magnético é volátil e viduado e de 50 anos, como os das Copas e a da chegada do homem à Lua, são verdadeiros borrões. Discos ópticos, como CD, DVD e Blue Ray, com validade de apenas cinco anos, estão sendo substituídos por pen drives e nuvens. Ninguém mais escreve cartas, os twitters, limitados a 180 caracteres. As novas gerações não sabem construir um discurso, apenas frases soltas. O Word lê para iletrados textos escritos. Meu bom empregado analfabeto se comunica com todo mundo através do WhatsApp voice, e não quer aprender a escrever. Quando numa farmácia peço para ele soletrar o nome de um remédio ele me diz, vou fotografar e lhe mando!

Mais grave é que a diplomacia se faz hoje por Twitter, e os processos jurídicos e as carteiras de trabalho estão sendo digitalizados em arquivos controlados pelo Estado. Que garantia tem o cidadão de que suas provas não serão apagadas, vazadas ou adulteradas? Nossos dados pessoais e preferências são vendidos pelos cartões de crédito. O que será da história quando os jornais impressos forem todos substituídos por blogs e redes sociais apócrifos? Só restará a história oficial dos vencedores e uma sociedade digital com Alzheimer. Bem-vindos a 1984 de Orwell!

## Michelle Obama: mulher-testemunho

Yvette Amaral

Professora universitária  
yvettemosamara@gmail.com

Há livros que lemos e não gostamos. Existem outros que folheamos e nos fazem tanto bem que consideramos um presente de Deus. Recentemente isso aconteceu comigo ao terminar a leitura de *Minha História*, de Michelle Obama. É extraordinário tanto no aspecto literário, como em dimensão educativa. Boa tradução, estilo simples, leve, discreto e principalmente rico pelo valor das suas mensagens.

Nem sempre as biografias motivam. Facilmente se tornam um instrumento de autoelogio, narcisismo ou marcadas por um subjetivismo muito forte que nos levam a duvidar da autenticidade do autor. Michelle não escorrega para esses 'senões'. É o relato da vida de uma mulher que chegou ao cume do poder como primeira-dama do maior país do mundo e assim resume a sua

missão: "O poder de uma primeira-dama é uma coisa curiosa, suave e indefinido como o próprio papel. Mas eu estava aprendendo a utilizá-lo. Não tinha autoridade executiva, não comandava tropas nem participava da diplomacia oficial. A tradição mandava que eu emanasse uma luz tão suave, agradando ao presidente com minha devoção, sobretudo ao evitar confrontos". Pelo que li da sua postura como mulher de Obama, concluí que agiu como uma luz suave, jamais ofuscando o brilho do presidente. Ele manteve o seu poder de irradiação, e ela espalhou sua claridade.

Com que doçura, sem pique e a confessa: "Foi uma revelação. Tudo aquilo foi uma revelação. Com meu poder suave eu estava descobrindo que podia ter força". Só uma pessoa humilde dá tal testemunho.

Discutia-se a vantagem de Obama candidatar-se à presidência. Depois de algumas considerações, comenta: "Ele tinha segurança que poucos têm. Tinha a inteligência e a disciplina para a tarefa, o temperamento para suportar tudo o que pudesse dificultá-lo, o raro grau de em-

patia que o manteria em fina sintonia com as necessidades do país... Quem era eu para detê-lo?". Correta postura de uma esposa-parceira.

O grande polo da sua ação, como primeira-dama, foi servir à criança, o que fez com criatividade e doação. Nos jardins da Casa Branca, ela criou uma horta para motivar uma saudável alimentação num país que chama a atenção pelo número de crianças obesas.

Não posso ir além. Gostaria de transcrever mais ideias da primeira-dama negra americana. Porém desejo destacar sua grande preocupação em todos os momentos da sua ascensão social: não permitir que seu relacionamento com o marido e as filhas perdesse a força e o brilho do amor conjugal e materno.